

nara roesler

daniel senise



daniel senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como "construção de imagens". O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

[clique aqui para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

Daniel Senise: Todos os santos, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2019)

Antes da palavra, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)

Printed Matter, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)

Quase aqui, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

2892, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

Anozero'19, 3ª Bienal de Coimbra, Portugal (2019)

Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos, Oca, São Paulo, Brasil (2017)

Os muitos e o um: Arte contemporânea brasileira, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2016)

Las Américas Latinas — Las fatigas del querer, Spazio Oberdan, Milão, Itália (2009)

44ª Bienal de Veneza, Itália (1990)

coleções selecionadas

Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda

Ludwig Museum, Köln, Alemanha

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

4	arranjo em cinza e prata
6	1.916
8	billboard
11	the quick and the dead
13	museus e galerias
16	biógrafo
19	2.892
21	prodrome
23	o sol me ensinou que a história não é tão importante
25	paredes
27	eva
28	livros
31	escaninhos
34	parquetes
36	reino
38	fotos com objetos
43	estruturas
45	piscinas
47	quase infinito
49	estúdio
52	outros espaços
55	museus e galerias
57	prata
60	silhuetas
62	bumerangue
63	ela que não está
64	mãe do artista
66	beijo do elo perdido e quase infinito

arranjo em cinza e prata teatro villa-lobos 2019

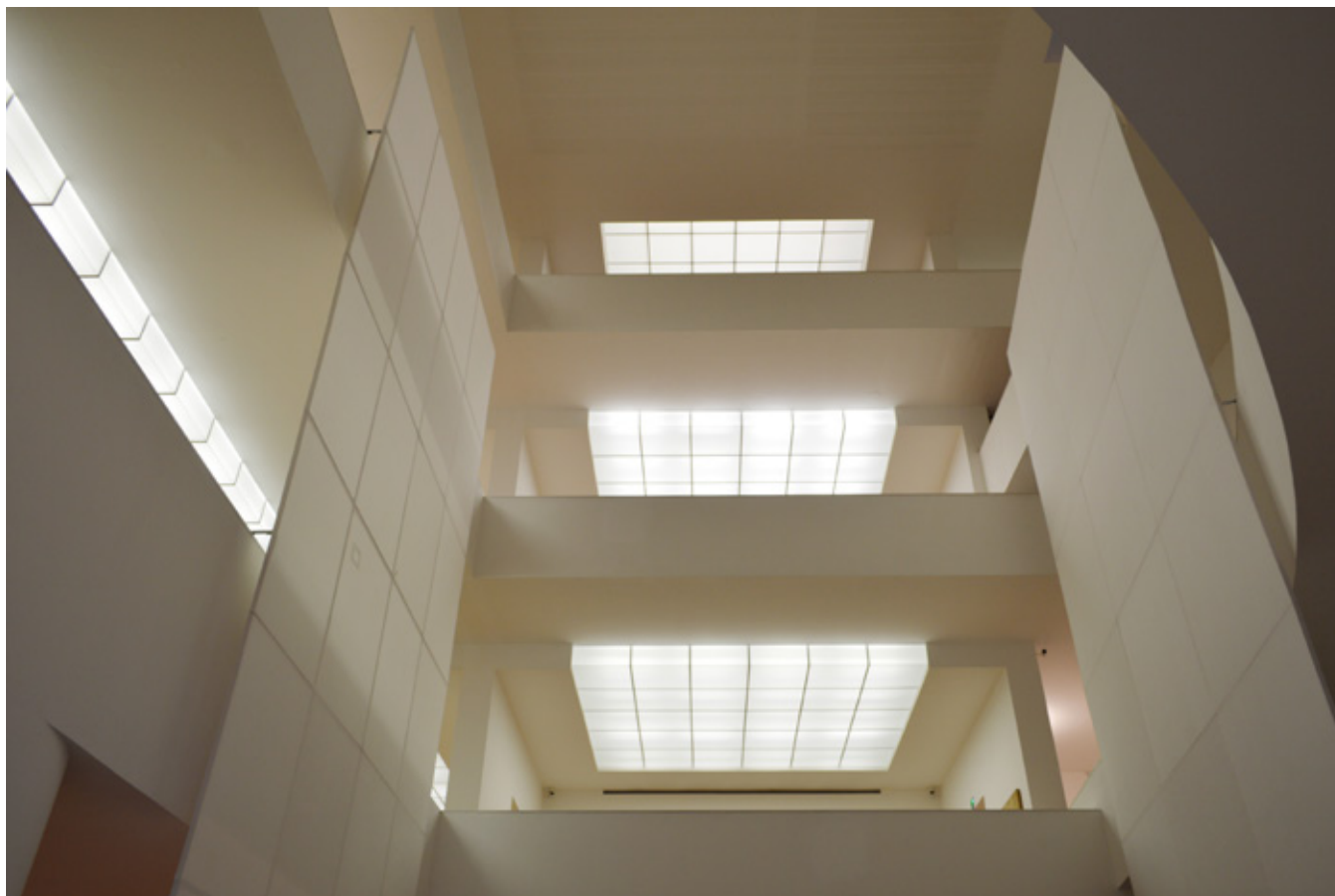
Em setembro de 2011, o Teatro Villa-Lobos, em Copacabana, Rio de Janeiro, foi consumido por chamas. Na época, Daniel Senise desenvolvia um mural para o prédio. Após o sinistro, o artista recolheu restos incinerados da construção e, durante oito anos, essas sobras ficaram guardadas. Em 2019, por ocasião de *Todos os Santos*, sua individual no Instituto Tomie Ohtake, Senise utilizou os fragmentos de carpetes queimados para a criação de *Arranjo em cinza e prata*. Sobre seis grandes placas de alumínio espelhado, foram colados os pedaços de carpete, criando sobreposições e texturas que deixam entrever a superfície reflexiva que se apresenta embaixo.



vista da exposição
Todos os santos, 2019
Instituto Tomie Ohtake
São Paulo, Brasil

→
Arranjo em cinza e prata - Teatro
Villa Lobos [detalhe], 2019
fragmentos de carpete
queimado sobre alumínio
366 x 500 cm





1.916 2019

instalação

antes da palavra, fundação iberê camargo
(fic), porto alegre, rs, brasil

Para a sua individual na Fundação Iberê Camargo, Daniel Senise propôs uma releitura de seu trabalho 2.892. O artista construiu dois painéis verticais a partir dos mesmos lençóis usados naquela obra, provenientes do Instituto Nacional do Câncer (INCA) e de um motel carioca. Essas estruturas foram então suspensas e expostas no vão do museu. Os painéis se relacionavam diretamente com elementos da arquitetura desse espaço, em especial as luminárias das salas de exposição sofrendo, ainda, interferência da luz, que atravessava os tecidos e evidenciava os bastidores que os sustentavam. O título, por sua vez, faz referência ao número estimado de pessoas que usaram os panos.

vista da exposição
Antes da palavra, 2022
Fundação Iberê Camargo
Porto Alegre, Brasil
Foto © Gustavo Possamai

→
vista da exposição
Antes da palavra, 2022
Fundação Iberê Camargo
Porto Alegre, Brasil
Foto © Gustavo Possamai



billboard 2016–2018

A série foi criada a partir da justaposição de monotípias que, reproduzindo a superfície de pisos de madeira e cimento, foram recortadas e montadas sobre placas de alumínio. O resultado são imagens que representam as formas de outdoors, em muitas das quais pode ser usado também o carvão, a fim de se obter tonalidades profundas de preto. Contrariando o esperado, no entanto, é justamente o espaço quadrangular destinado a anúncios publicitários que se encontra vazio nessas telas.

Billboard,
monotípias de piso de madeira e
cimento em tecido e medium acrílico
sobre alumínio

→
Billboard I, 2016
monotípias de piso de madeira e
cimento em tecido e medium acrílico
sobre alumínio
150 x 220 cm

→ →
vista da exposição
Daniel Senise, 2017
Nara Roesler, São Paulo, Brasil







the quick and the dead 2014

site specific

hospital matarazzo, são paulo, sp, brasil

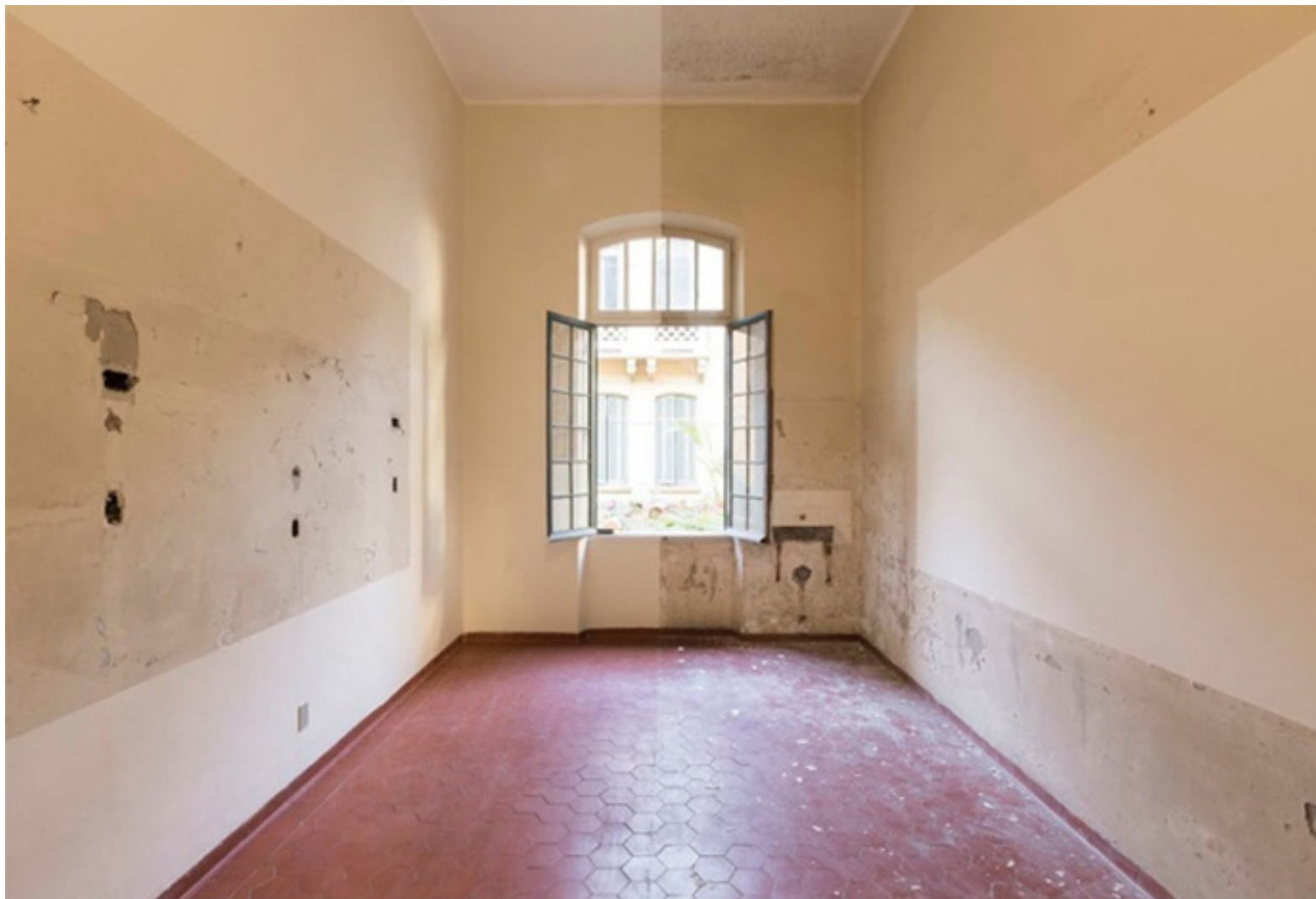
Para a exposição coletiva realizada no Hospital Matarazzo, Daniel Senise realizou uma intervenção em um dos quartos da instituição. O artista dividiu o cômodo longitudinalmente em duas seções. Uma das metades foi completamente restaurada, deixando apenas um retângulo intocado na parede. A outra permaneceu inalterada, com exceção de uma parte retangular que foi reparada, em simetria à parede oposta. Desse modo, um dos lados trazia a historicidade daquele ambiente ao longo do tempo, enquanto o outro reestabelecia seu passado ideal.



The quick and the dead, 2014

site specific

Hospital Matarazzo,
São Paulo, Brasil



The quick and the dead, 2014
site specific
Hospital Matarazzo,
São Paulo, Brasil



museus e galerias 2014–2020

Quase dez anos depois, Daniel Senise retorna à série de representações de espaços de museus e galerias que havia produzido produzido entre 2000 e 2004. Para tanto, o artista emprega um método recorrente em sua trajetória, em que justapõe, sobre placas de acrílico, diferentes recortes de sua coleção de monotipias de padrões de pisos. A diferença está no fato de que o assunto não é mais apenas o ambiente interno dessas instituições, despidos das obras de arte. Agora, Senise também apresenta, nas imagens formadas, os quadros que ocupam as salas desses espaços.

Sem título (Musée du Louvre), 2021
monotipia de parede em tecido e
medium acrílico sobre alumínio
200 x 150 cm



*Sem título (Dia Art
Foundation)*, 2021
técnica mista sobre alumínio
150 x 276 cm

→
vista da exposição
Museus, 2019
Instituto Ling,
Porto Alegre, Brasil



biógrafo 2013–2020

No projeto de Daniel Senise, a série *Biógrafo* terá 85 trabalhos, quantidade que faz referência à idade com que seu pai faleceu. Até o momento, foram executados pouco mais de cinquenta. As telas possuem dimensões regulares de 200 x 125cm. No centro de cada uma delas há outro retângulo, que preserva a mesma proporção do suporte, mas que se diferencia da composição em volta. Por vezes, esse espaço pode aparecer esvaziado, ou então ocupado por uma imagem que carrega variações de ritmo e direção em relação ao restante da obra. Muitos dos trabalhos de Senise são revisões de sua produção anterior, que aparece ora reelaborada, ora revisitada em seus processos e formas. Essa característica faz com que o conjunto, de certo modo, comporte-se como uma biografia do próprio corpo de obras de Senise.



Biógrafo XLV, 2018
monotipia de piso de cimento em
tecido, medium acrílico e carvão
sobre alumínio
125 x 200 cm



*Biógrafo LXVIII (Berkley
Museum of Art), 2018*
monotipia de piso de cimento
em tecido e medium acrílico
sobre alumínio
125 x 200 cm



Biógrafo XX, 2014
meio acrílico e resíduos sobre tecido
sobre alumínio
125 x 200 cm



2.892 2011

instalação

casa França Brasil, rio de janeiro, rj, brasil

Para sua exposição individual na Casa França Brasil, Daniel Senise montou a instalação 2.892. O trabalho era composto por duas paredes construídas com lençóis esticados sobre chassis. Cada painel era feito com os tecidos provenientes de locais distintos, que naquele espaço se confrontavam: o Instituto Nacional do Câncer (INCA) e um motel da região. Os lençóis haviam sido anteriormente oferecidos por Senise a ambos os lugares, para que, ao chegarem no final de sua vida útil, fossem devolvidos. O trabalho, de tonalidade conceitual, tem como título o número estimado de pessoas que utilizaram aqueles lençóis.

vista da instalação
2.982, 2011
lençóis e chassis
Casa França Brasil
Rio de Janeiro, Brasil

→
vista da instalação
2.982, 2011
lençóis e chassis
Casa França Brasil
Rio de Janeiro, Brasil

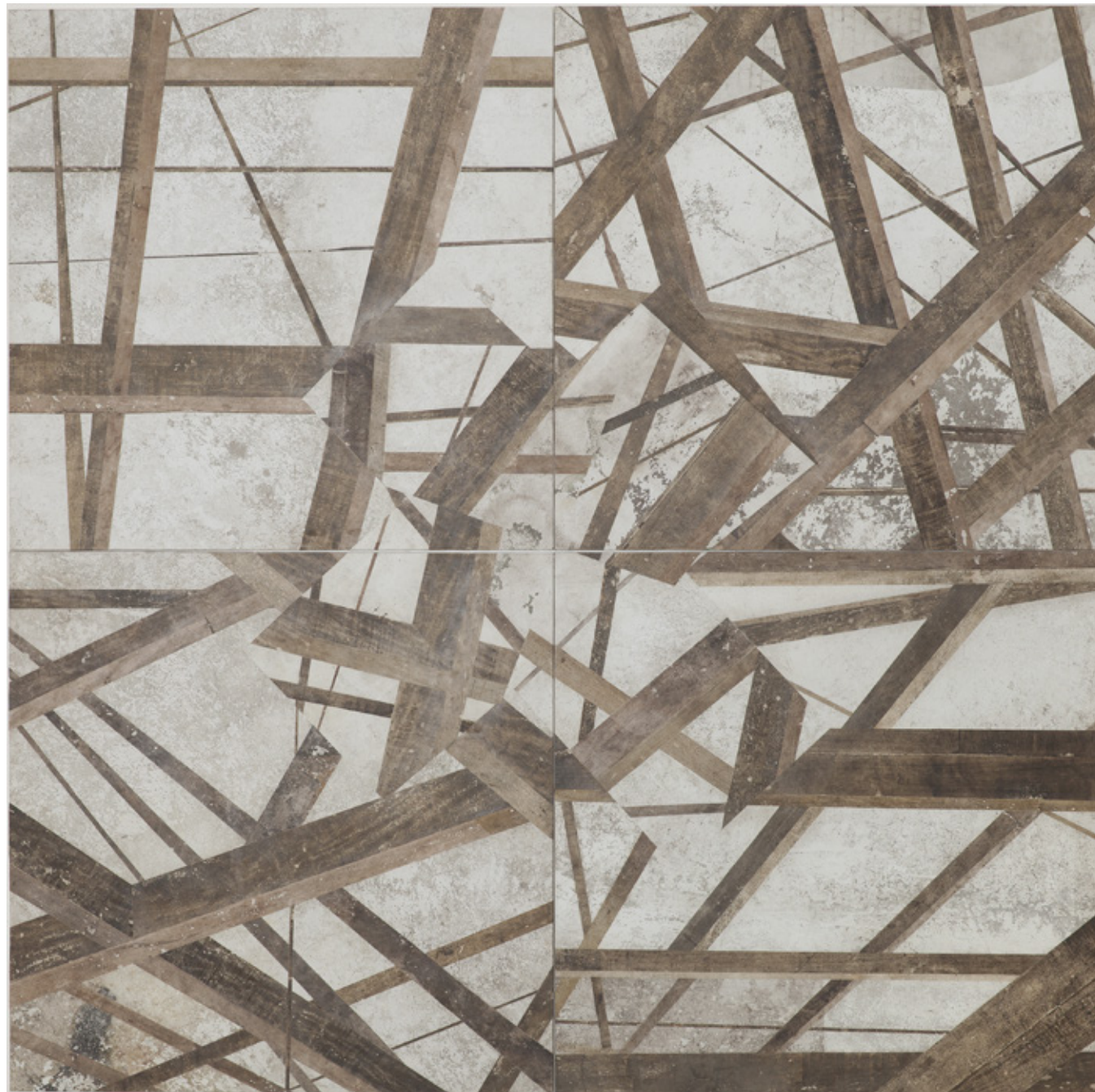


prodrome 2010–2012

Chama-se de pródromo, ou *prodrome*, em inglês, o conjunto de sintomas insuficientes para se identificar objetivamente o surgimento de uma doença. Desde os anos 1980, Daniel Senise sofre de enxaqueca. Inicialmente, ainda sem diagnóstico, ela se manifestava a partir de certas distorções no campo visual. A série *Prodrome* parte desse princípio de disjunção óptica experienciado pelo artista. Nas composições, baseadas nos *Escaninhos* e nas *Estruturas*, uma série de pequenas deformações cria estranhamentos que fazem o público questionar aquilo que é observado.

Prodrome IV (políptico), 2011
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
200 x 200 cm

→
*Prodrome (estrutura
com falhas)*, 2010
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
166,5 x 125 cm





*Prodrome (estrutura
com falhas)*, 2010
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
166,5 x 125 cm



**o sol me ensinou que a história
não é tão importante** 2010

instalação

29ª bienal de são paulo, fundação bienal
de são paulo, são paulo, sp, brasil

O título da instalação concebida por Daniel Senise para a 29ª Bienal de São Paulo foi retirado do prefácio escrito por Albert Camus para seu livro *O avesso e o direito* (1935). Para elaborar essa obra, o artista produziu placas de 50 x 50 cm com papel reciclado feito a partir de materiais impressos de instituições culturais. No pavilhão da Bienal, ele construiu uma sala onde nada era exibido, a não se a própria materialidade dos elementos utilizados em sua edificação.

*O sol me ensinou que a história
não é tão importante*, 2010
papel reciclado
placas de 50 x 50 cm

→
*O sol me ensinou que a história
não é tão importante* [detalhe], 2010
papel reciclado
placas de 50 x 50 cm



paredes 2009–2012

Para a montagem dessas telas, Daniel Senise utilizou as monotípias de pisos que continuamente imprime. Nessas composições, inventa espaços, justapondo recortes em tiras dessas imagens em ângulos levemente oblíquos. Os arranjos estabelecem ritmos e velocidades, assim como a ilusão tridimensional de um espaço virtual.



*Deus embutido (Paredes com
dobras, escura à esquerda), 2005*
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
130 x 200 cm



*Sul (parede com 4
dobras clara)*, 2005
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
130 x 230 cm

eva 2009–2010

site specific

centro cultural são paulo, são paulo, sp, brasil

Convidado para ocupar o espaço do Centro Cultural São Paulo, Daniel Senise desenvolveu uma intervenção *site specific*. Durante o período de exibição, foi montado um ateliê no espaço expositivo com tijolos confeccionados com materiais impressos da própria instituição, tais como catálogos, folhetos e folders, a partir de uma técnica similar à do papel machê. Cotidianamente, uma polpa feita com as folhas molhadas era misturada com cola e gesso nas fôrmas que ficavam acondicionadas em uma estufa especial. Uma vez por semana, os tijolos eram levados desse ateliê improvisado para o espaço expositivo, onde eram colocados ao redor da escultura *Eva* (1919), de Victor Brecheret, erigindo um muro à sua volta. Ao final de quatro meses, a estátua estava totalmente oculta. Pelas frestas das paredes, cujo material se assemelhava ao da escultura, no entanto, ainda era possível observar a obra de Brecheret.



Eva, 2009–2010

site specific

Centro Cultural de São Paulo,
São Paulo, Brasil

livros 2008–2019

Essa série de trabalhos, ainda em desenvolvimento, é análoga à dos *Escaninhos*, pois a composição das telas segue os mesmos princípios formais. O que difere é a matéria-prima que Daniel Senise utiliza. Neste caso, o artista se apropria de diversos livros de arte, mas também de enciclopédias e atlas, cortando e justapondo em colagens os seus fragmentos. A organização pode seguir diversos princípios que, muitas vezes, explicitam-se nos títulos dos trabalhos. Os critérios podem ser cromáticos ou variar de acordo com a origem desses recortes. Por vezes, surgem textos, na íntegra ou em partes, que servem para evocar imagens que ali estão ausentes.

EXS XIX, 2015
páginas de livros de arte
sobre alumínio
125 x 125 cm



Sem título, 2018
páginas de livros de arte
sobre alumínio
92 x 92 cm

→
vista da exposição
Printed Matter, 2017
Nara Roesler,
Nova York, EUA
Foto © Will Wang



escaninhos 2007–2009

Durante uma viagem de trem de Porto para Lisboa, em companhia do pintor Paulo Pasta, Daniel Senise vislumbrou a imagem de prateleiras vazias em um livro que Pasta folheava. Mesmo não a tendo reencontrado, ela ficou gravada em sua memória, servindo como mote para a criação dessa série de trabalhos. Aqui, os nichos adquirem escala arquitetônica e são feitos a partir da justaposição de fragmentos de monotípias de pisos. Os títulos dos trabalhos fazem referência a filmes da *nouvelle vague*.

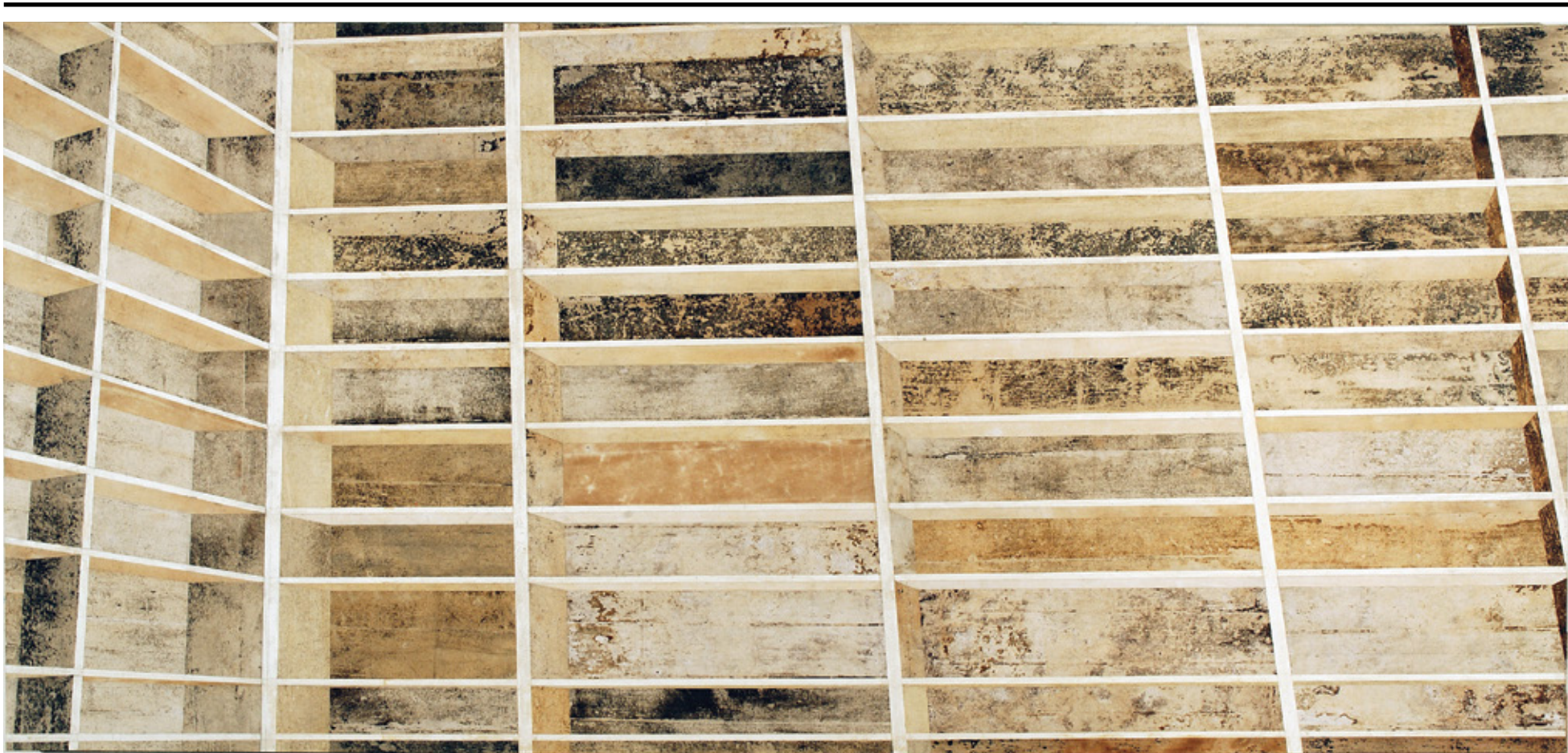


Two people drifting

disunited II, 2009

monotípia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico

140 x 150 cm



*Tous les garçons s'appellent
Patrick, 2007*
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
135 x 290 cm

→
Ici et ailleurs, 2007
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
465 x 500 cm



parquetes 2008–2009

Nessa série de trabalhos, ao invés de Daniel Senise realizar impressões de pisos de parquet, ele fotografa os padrões que lhe interessam. Para montar as imagens na escala 1 x 1, folhas de papel pintadas com tinta acrílica ou guache, nas tonalidades das madeiras que compõem os pisos representados, são recortadas e justapostas no mesmo padrão dos revestimentos escolhidos. Cada trabalho é realizado reproduzindo um padrão diferente.



Sem título, 2016
aquarela sobre papel
112,5 x 112,5 cm



Zn'aime Pas la plage, 2008
aquarela sobre madeira
167,2 x 150,2 cm



Avenida Higienópolis 394, 2008
tinta acrílica no papel sobre
placa de alumínio
144 x 144 cm



Ao realizar o processo de impressão de um piso, uma mancha, não intencional, de cor vermelha, foi produzida em parte da imagem. Ao repetir o processo, a mesma mancha surgia no mesmo local. Para essa série de trabalhos, que buscava reproduzir ou criar imagens baseadas em espaços de pinturas renascentistas, Daniel Senise utilizou recortes dessa mancha rubra para estabelecer contaminações que rompem com a virtualidade dos cenários apropriados.

*Reino II (Quadrada, perspectiva,
linhas, janelas, parede vazada, 2008*
monotípias de piso de madeira em
tecido e médium acrílico
215 x 215 cm



*Reino I (Espaço renascimento
fragmentado, 2006*
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 300 cm

fotos com objetos 2005–atual

Desde 2005, os espaços onde as monotipias dos pisos são realizadas começaram a ser fotografados. Em sua maioria, as imagens são feitas realizadas em parceria com um fotógrafo profissional. Após a impressão das fotos, Daniel Senise cola sobre suas superfícies fragmentos de objetos recolhidos desses locais, que podem ser pedaços de madeira, de ferro ou azulejos, por exemplo. O resultado é o duplo indício de um espaço: a sua imagem fotográfica e os seus restos materiais colados sobre ela. Contudo, em cada trabalho se estabelece uma relação diferente entre foto e objeto, podendo ser de caráter ilusório, documental, forense etc.

Sorocabana I (teto), 2017
objetos metálicos rebitados
em fotografia adesivada
em alumínio
250 x 300 x 2 cm

→
Sorocabana I (teto) [detalhe], 2017
objetos metálicos rebitados
em fotografia adesivada
em alumínio
250 x 300 x 2 cm

→ →
vista da exposição
Todos os santos, 2019
Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo, Brasil







Hospital Matarazzo, 2019
impressão em sublimação
sobre placa de alumínio
180 x 122 cm

→
vista da exposição
Todos os santos, 2019
Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo, Brasil



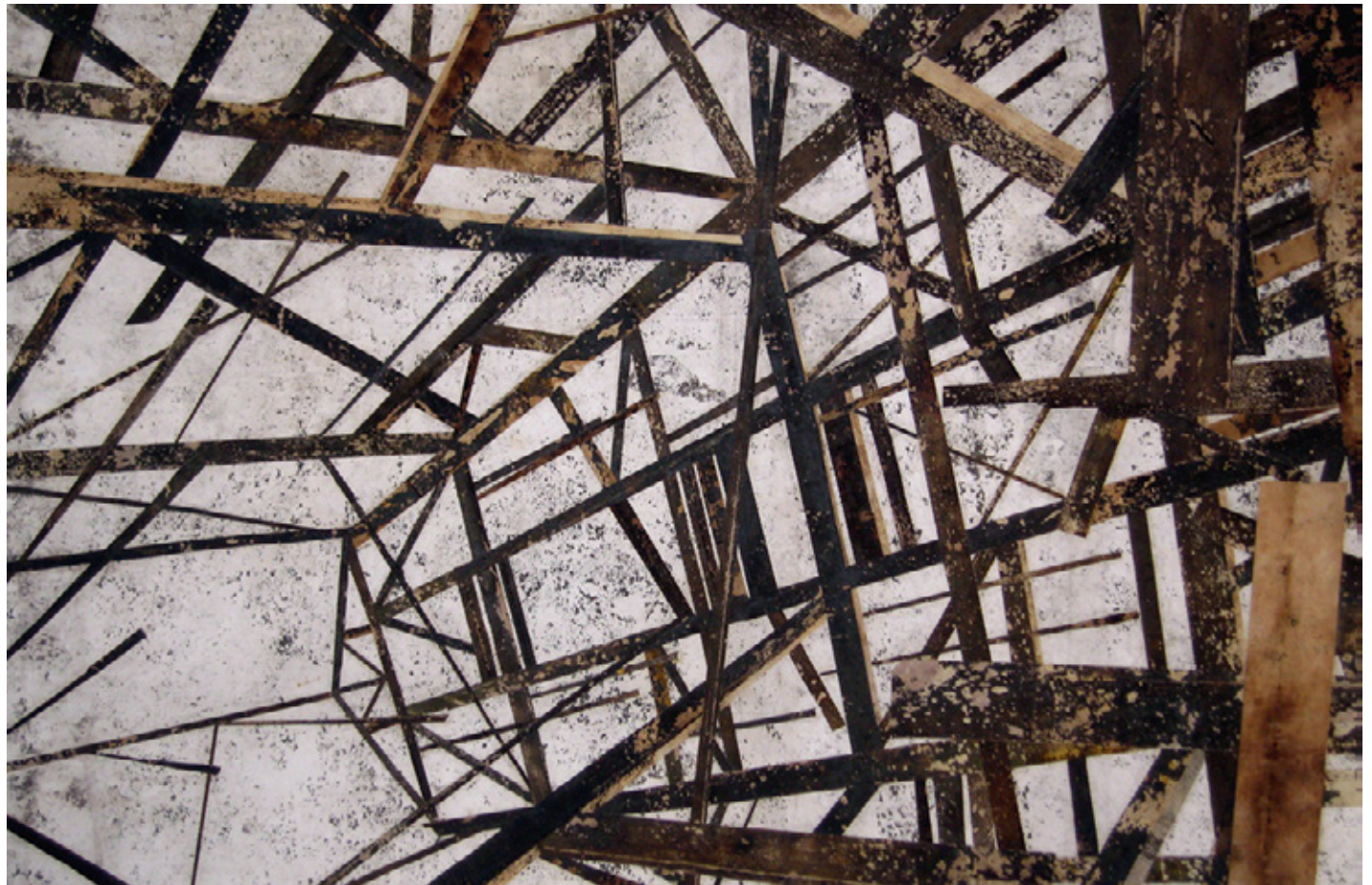




estruturas 2005–2012

Os títulos dos trabalhos que integram essa série tanto podem indicar a proveniência das imagens quanto sua intenção representativa, assim como realizar desdobramentos poéticos, incitando a criação de narrativas. De todo modo, o interesse de Daniel Senise, na realização desse conjunto, reside nos espaços em estruturação, no momento de indiscernibilidade entre a construção e a contenção. As imagens são criadas a partir de impressões de pisos de madeira e cimento em composições de imagens encontradas, fotografadas ou inventadas.

Obra, 2005
monotípias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 400 cm



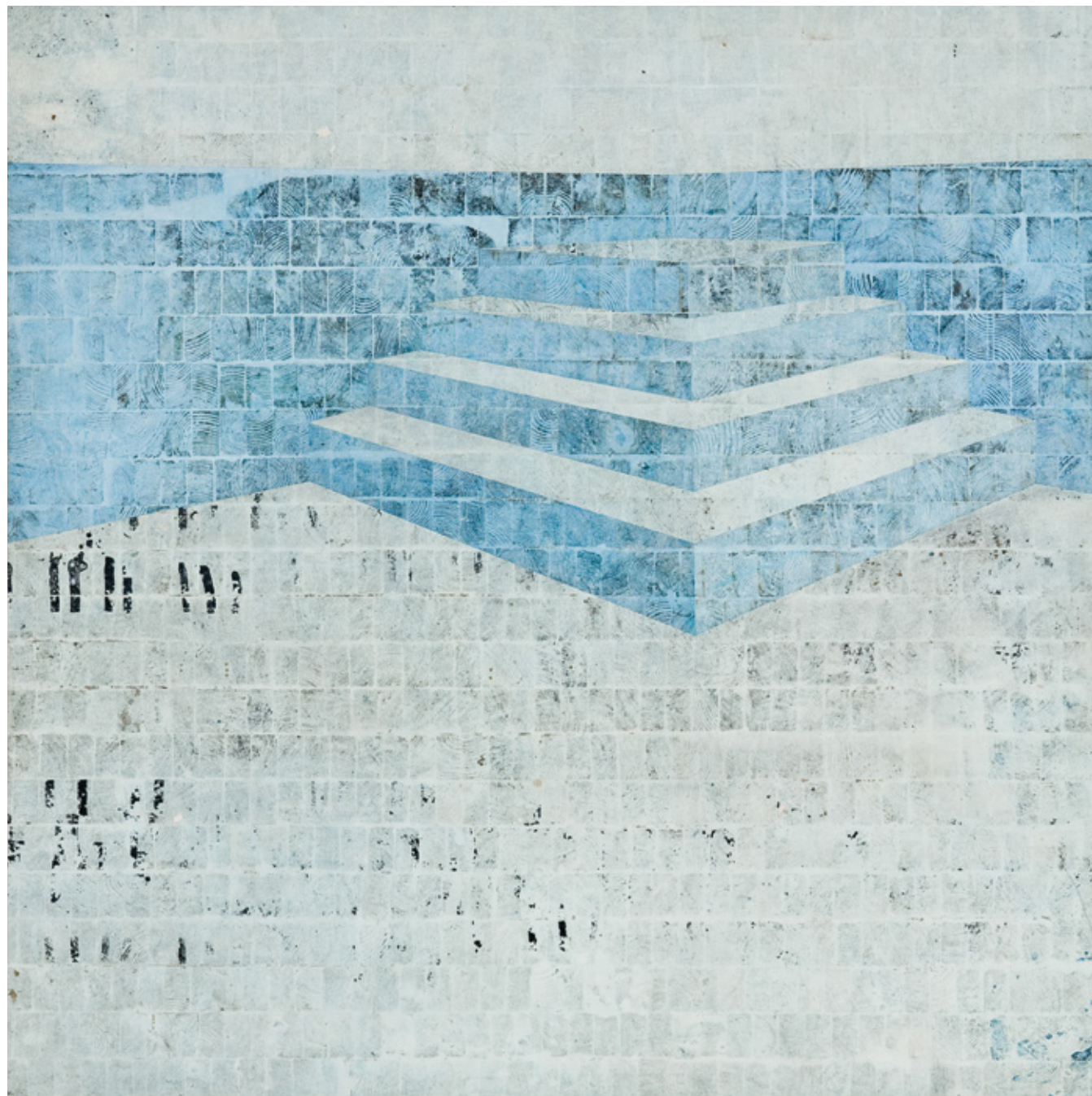
Tirano, 2006
monotipias de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
130 x 200 cm

piscinas 2003–2008

O assoalho do antigo ateliê de Daniel Senise, em Nova York, era feito a partir de um método conhecido nos Estados Unidos como *butchers block*. Nessa técnica, o corte na madeira é feito no sentido transversal, dando mais estabilidade à construção. Antes de realizar a impressão do piso, ele adicionava pigmento azul à cola que seria usada, determinando o tom da monotipia. Com esse material, foi possível realizar a série de trabalhos sobre placas de acrílico baseada em piscinas reais e imaginadas.

Sem título (Escada de piscina azul no canto), 2004
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
213 x 213 cm

→
Piscina 2 (Piscina azul), 2003
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
185 x 290 cm





quase infinito 2003

museu de arte contemporânea de niterói
(mac-niterói), niterói, rj, brasil

O carpete original do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, após ter sido retirado para sua substituição, é a matéria prima desse trabalho. Nos pedaços de tapete que restaram da reforma, Daniel Senise recortou formas em negativo de pássaros conhecidos como trinta-réis. Em seguida, esses carpetes foram fixados nas paredes da instituição.



vista da exposição

Quase infinito, 2003

Museu de Arte Contemporânea
de Niterói (MAC-Niterói)

Niterói, Brasil

→

vista da exposição

Quase infinito, 2003

Museu de Arte Contemporânea
de Niterói (MAC-Niterói)

Niterói, Brasil





estúdio 2001–2012

Nessa série, Daniel Senise representa o seu próprio ateliê, em Nova York e no Rio de Janeiro, sobre placas de acrílico. Como matéria-prima, ele utiliza monotipias feitas a partir do piso de seus ambientes de trabalho. Opera-se, assim, um retorno, já que os rastros do espaço passam a organizar sua própria representação. Sobre um dos trabalhos é possível encontrar, ainda, um banco do ateliê, cuja superfície se confunde com a do chão do espaço que habitava.

*Legenda (impressão do chão
do ateliê com banco plástico
colado, 2008*
cretone com impressão de
cimento e objeto plástico
311 x 201 cm

→
*Serra Branca Objetos
de Arte, 2012*
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 300 cm





Sem título, 2012
monotipias de piso de cimento
e madeira em tecido e médium
acrílico
155 x 347 cm

pintores 2000–2002

Utilizando-se de impressões de pisos feitas ao longo dos anos, Daniel Senise recria espaços representados em pinturas da história da arte ocidental, esvaziando-os de todos os elementos que não os estruturais (como paredes, portas, janelas etc). Desse modo, o que se evidencia são as elaborações arquitetônicas presentes em nossa tradição pictórica.

Sem título (Velazques, detalhe, porta), 2000
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
122 x 122 cm





*Hammershoi (Chão The Piano
Factory Amarelo - Rio), 2002*
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
110 x 150 cm



*Lull 2 (Espaço azul com janela
à esquerda, trama na diagonal),
2008*
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
122 x 122 cm



museus e galerias 2000–2005

Desde a década de 1980, Daniel Senise retrata, por meio do processo de impressão, pisos que chamam sua atenção. Essas monotípias, feitas em diversos lugares utilizando-se água e cola sobre tecido, são a matéria prima para a realização dessa série. Ao recortar e justapor os diferentes padrões obtidos, o artista reproduz o espaço interior de salas de galerias e museus, despiendo-os de todos os elementos que não os da própria arquitetura.

*Haus Lange, Krefeld (Museu
Alemanha grande, amarelo
chão studio LIC, 2001
monotípias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 300 cm*



Le Louvre (Salle 18), 2016
meio acrílico e resíduos sobre tecido
122 x 300 cm

prata 1998–2000

Os procedimentos e materiais utilizados na feitura desses trabalhos são múltiplos. Acrílica e esmalte sintético convivem com objetos diversos. Tinta a óleo e tecido *voile* também são empregados em dípticos, trípticos e polípticos nos quais figuram imagens apropriadas da história da arte, de livros infantis, enciclopédias, entre outros. A unidade entre os trabalhos se dá pelo emprego de pigmentos prateados nas composições.



*Hobbema (paisagem prateada
c/ régua*, 1999
esmalte sintético e objeto
de madeira sobre tela
205 x 180 cm



*Miner (Díptico com homem,
mula e retângulo pintado), 1999*
Acrílica e esmalte sintético
sobre tela e voile
110 x 220 cm



*Sem título (Políptico com caras,
colunas, retângulo branco e branco
escorrido, 1999
acrílica, leo e esmalte sintético
sobre tela e voile
220 x 220 cm*

silhuetas 1994–1997

Nessa série de trabalho, Daniel Senise se apropria de silhuetas de livros infantis para criar composições fabulares e sintéticas que mantêm uma ambiguidade narrativa. O artista joga com a escala das figuras e realiza experimentos com diversos materiais, tais como pó de ferro, cola plástica, resinas, vernizes, tinta acrílica, chumbo, adicionando objetos sobre as telas.

Sem título (Macacos e cacos), 1996
acrílica, xido de ferro e resina
poliureténica sobre tela
125 x 160 cm





*Parada (Parada c/ fundo
branco), 1995*
esmalte sintético, xico de ferro
e laca sobre tela
122 x 187 cm

bumerangue 1994–1995

Ao se deparar com os esquemas de trajetórias de bumerangues em uma enciclopédia, Daniel Senise iniciou o desenvolvimento desses trabalhos. Para realizá-los, o artista repete um mesmo processo: posiciona pequenos pregos na tela, sobre os quais derrama água e sal. Após a oxidação da superfície, ele usa um fixador para reter a imagem; e repete a operação até obter o resultado desejado. Os fluxos dos bumerangues aparecem em composições que podem, ainda, incorporar figuras humanas, criando uma reflexão sobre os percursos do olhar e a relação entre a invisibilidade de um trajeto no momento de seu acontecimento e a sua visibilidade enquanto imagem esquemática.



*Bumerangue (trajetria do
bumerangue - 3 voltas), 1994*
esmalte sintético e xido de ferro
sobre tela
165 x 256 cm



ela que não está 1994

galeria thomas cohn, são paulo, sp, brasil

As cinco telas que compõem esse conjunto são elaboradas a partir da repetição de uma mesma imagem, ou melhor, de sua ausência. Entre as diversas obras instaladas na Basílica de Santa Croce, em Florença, na Itália, há um ciclo de afrescos do pintor renascentista Giotto. Dentre eles encontram-se, na Capela Bardi, retratos da vida de São Francisco de Assis. A cena, que representa a morte e ascensão do santo, teve parte de sua superfície danificada por reformas que adicionaram, e depois retiraram, a figura de um túmulo sobre a imagem do próprio corpo de São Francisco sendo velado. É justamente a forma dessa ausência, o contorno do túmulo, que Daniel Senise reproduz, utilizando, para tanto, vários materiais que, ao interagir, fazem emergir a diferença entre os quadros.

Ela que não está, 1994

Verniz poliuretânico, xido
de ferro e laca sobre cretone
193 x 305 cm

mãe do artista 1992–1994

Para desenvolver essa série, Daniel Senise se apropriou da imagem da mãe de Whistler, figura central da composição *Arranjo em cinza e preto nº 1* (ou *Retrato da mãe do artista*), pintura de 1887 do pintor norte americano James Whistler. Senise investe na relação gráfica entre figura e fundo, utilizando apenas a figura da mãe e explorando técnicas e materiais na elaboração de imagens que envolvem processos como a repetição e o espelhamento.

Retrato da Mãe do artista II
(*mãe do Whistler coberta*),
1992
acrílica sobre tela
188 x 192 cm

→
Despacho II
(*Mães de Whistler*), 1994
acrílica, xido de ferro e verniz
poliuretécnico sobre cretone
34 x 22 cm







**beijo do elo perdido
e quase infinito** 1991–1992

Apesar das diferenças aparentes entre as duas telas, elas guardam semelhanças composicionais e foram produzidas no intervalo de seis meses de diferença. *O beijo do elo perdido* é um quadro figurativo de inspiração surrealista em que dois crânios de pássaros encaixam-se pelos bicos, criando um circuito fechado. *Quase infinito*, por sua vez, é a representação quase perfeita do símbolo do infinito. Contudo, ao invés das linhas se cruzarem, elas se mantêm separadas, apenas tencionando o toque. Essa composição foi feita a partir da experimentação de Daniel Senise com o óxido de ferro que se desprende de pregos em contato com uma solução de água e sal sobre tela.

O beijo do elo perdido, 1991
acrílica e leo sobre cimento
139 x 203 cm



Quase infinito (Pregos), 1992
xido de ferro e esmalte sintético
sobre cretone
183 x 72 cm

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art